



Goshu era violoncelista na orquestra de cinema mudo² da cidade. Mas sua reputação como músico não era das melhores. Não, não era. Diziam que, entre os colegas, era o que pior tocava e que, por conta disso, vivia levando broncas do maestro.

De tarde, dispostos em círculo, eles ensaiavam a *Sexta sinfonia*³. Em breve se apresentariam no encontro musical da cidade.

² Nos primórdios do cinema, as projeções dos filmes mudos eram acompanhadas por música ao vivo, em geral executada por pequenas orquestras. [N. da T.]

³ O autor gostava muito da *Sexta sinfonia* de Ludwig van Beethoven (1770-1827). [N. da T.]

O trompete cantava com toda a energia.

O violino soava como vento em fúria.

O clarinete ajudava, firme e forte.

E Goshu — de lábios cerrados, seus olhos quase duas bolas de tão arregalados e presos na partitura — dava o máximo de si. Inesperadamente, o maestro fez soar um único som com a palma das mãos. E todos pararam, num brusco silêncio.

— Atrasou o *cello*! — gritou o maestro. — *Tob te te... teteteh!* — Recomeçar daqui. Vai!

Os músicos obedeceram, voltando para um trecho antes da parte indicada. Goshu se esforçava para acompanhá-los, a face rubra e a testa molhada de suor. Quando finalmente passaram a parte em questão, ele respirou aliviado e continuou a tocar. Mais uma vez o maestro bateu palmas.

— *Cello!* A corda não se harmoniza! O que podemos fazer? Não tenho tempo pra lhe ensinar o dó-ré-mi...

Os outros músicos, penalizados, fingiam indiferença, ajeitavam os instrumentos ou mergulhavam os olhos nas próprias partituras. Rápido, Goshu ajustou a corda do velho violoncelo, que também tinha lá sua parcela de culpa.

— A partir do compasso anterior. Vai!



E recomeçaram. Goshu seguia num tremendo esforço, os lábios contorcidos. Até que avançaram consideravelmente. Foi só pensar “Estamos indo bem” e o maestro bateu palmas em pose assustadora. “De novo?” Goshu apavorou-se. Não, por sorte, não era com ele, ao menos dessa vez tratava-se de outro músico. Goshu aproximou os olhos da partitura e fingiu pensar em algo, assim como tinham feito os colegas quando ele errara.

— Então, seguimos. Vai!

E, mal começaram a tocar, o maestro pisou forte, gritando:

— Não! Péssimo! Essa parte é o coração da música. Vocês estão se perdendo nos detalhes. Meus caros, só temos dez dias até a apresentação. Somos músicos profissionais. E estamos piores que um bando de batucadores de ferro-velho? Para onde vai a nossa fama? Hein, Goshu? O que faço com você? Não tem

expressão, tristeza, raiva, nada... sentimento nenhum. E mais, você nunca se ajusta aos outros, parece sempre correndo atrás com o cordão do sapato solto. Assim não dá! Tem que melhorar. Se nossa brilhante orquestra Vênus ganhar má reputação por sua causa, será constrangedor para todos. Bem, o ensaio termina aqui. Descansem. Às seis da tarde em ponto estejam a postos no cinema para a exibição do filme.



Todos concordaram, curvando de leve a cabeça, e o grupo se desfez. Apenas Goshu permaneceu. E, voltando-se para a parede, segurou firme seu *cello*, que lembrava uma caixa velha, apertou os lábios e deixou rolar algumas lágrimas. Mas, rápido, recuperou-se e começou a ensaiar sozinho o trecho que haviam tocado.

